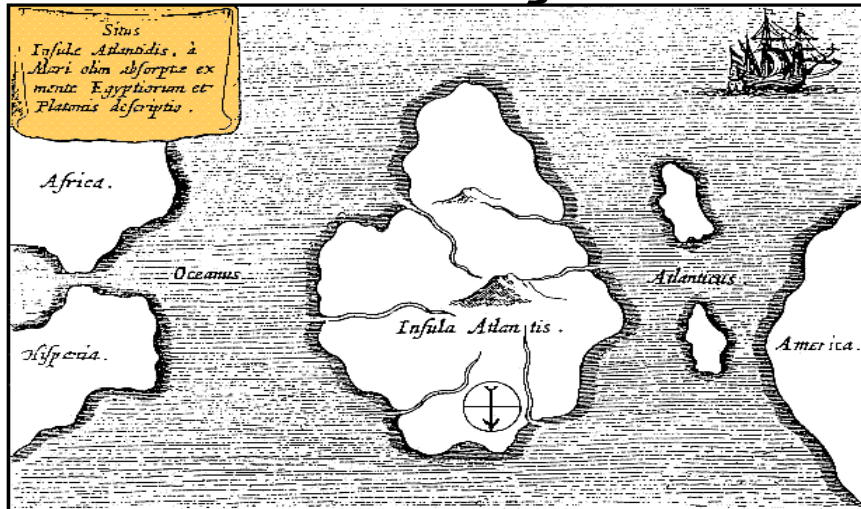


CADERNOS AÇORIANOS



Suplemento 0 MAIO 2010

DEDICADO A ANABELA MIMOSO

Todas as edições estão em linha em

<http://www.lusofonias.net/estudos%20e%20cadernos%20açorianos/index.htm>

Editor **Colóquios da Lusofonia** (Chrys Chrystello)

Coordenadoras **Helena Chrystello / Rosário Girão dos Santos**

Os colóquios da lusofonia seguem a nova ortografia desde FEV.º 2009



Editado por

©TM®

Aqui se transcrevem textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia ou pelos seus participantes.

EM TORNO DOS CONTOS TRADICIONAIS AÇORIANOS DE TEÓFILO BRAGA DE ANABELA MIMOSO (VILA NOVA DE GAIA, CALENDÁRIO DE LETRAS, MARÇO DE 2010) RECENSÃO POR MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO RIBEIRO DOS SANTOS

Já faltava nas livrarias, no âmbito da comemoração do 1º Centenário da Implantação da República¹ - que “foi, e continua sendo, a esperança mais anciada das populações sofredoras.” (1923: 3) -, uma homenagem a Teófilo Braga, não ao militante republicano, “bom republicano”², ou ao Presidente do Governo Provisório da República Portuguesa ou, ainda, ao fugaz Presidente da República, em substituição de Manuel de Arriaga, de 29 de Maio a 4 de Agosto de 1915, mas ao antologista micalense de *Cantos Populares do Povo Açoreano* (1869) que, re-editados pela Universidade dos Açores em 1982, se encontram há muito esgotados.

¹ Segundo Manuel de Arriaga, “Pela súbita mudança da Monarquia para a Republica, cahiu-nos em cima uma chuva incalculavel de pedidos para esmolas, empréstimos, subsidios, de toda a natureza e espécie” e “Inaugurámos as festas presidenciaes nos vastos salões da Horta Secca com dois banquetes, um em 5 de Outubro, oferecido á infancia das escolas e seus mestres, o outro em 7 do mesmo mez aos inválidos do trabalho, [...]” (1916: 18 e 20).

² Cf. Carta de João de Meneses [189] a Manuel de Arriaga (2004: 319): “Enfim, meu caro amigo: a maior dificuldade da República é a existência de maus republicanos. E é por o Dr. Teófilo Braga ser um bom republicano que se lamenta vê-lo envolvido com essa gente.”

Vem a presente *Antologia*, intitulada *Contos Tradicionais Açorianos de Teófilo Braga* e assinada pela Prof.^a Doutora Anabela Mimoso, colmatar essa lacuna cultural, ao reunir trinta e um textos de procedência açórica, ao acrescentar, à recolha efetuada, as versões anteriores (e subseqüentes variantes...) de Adolfo Coelho e de Sylvio Romero, ao exarar, em quadro explicativo que resume as indicações teofilianas, as suas proveniências de ordem vária e ao coligi-los, na senda do seu compilador, em três secções distintas: *Contos de fada e Casos da Tradição Popular*, *Casos e Facécias da Tradição Popular* e *Lendas, Patranhas e Fábulas*.

O rigor científico que preside a esta *Antologia*, a nível metodológico, histórico e definitório, não só é corroborado pelo peritexto, no qual a Autora consigna as “Razões desta Edição”, como reforçado se vê por esse paratexto que é a “Introdução”, congraçando os pontos, constando do *Índice*, que a seguir se elencam.

1. *Vida de Teófilo Braga* ou, por outras palavras, o contexto biográfico (e situacional) tendente para a compreensão mais apurada da sua vasta obra de investigação, que abarca genologicamente áreas tão distintas como a historiografia crítico-literária, a filosofia, a ficção e a poesia. Prova de que esta breve alínea preliminar se revela fundamental, sem qualquer relação com a crítica biográfica e, muito menos, com o biografismo, constitui a conceção do estado intelectual agitado e da ânsia respeitante à criação artística do micalense Teófilo, cujo depoimento [carta aos estudantes da Academia Micaelense, em resposta a outra por estes endereçada ao Escritor no seu quadragésimo aniversário] identifica o Liceu de S. Miguel com o germinadouro da sua obra vindoura: “*Todos os planos de trabalho que tenho realizado, todos os pensamentos que teem sido o móbil das minhas acções nasceram, desabrocharam, formaram-se em*

germes latentes, nesse período de juvenildade, de ruído franco e alegre, desse vai-vem das aulas do liceu Micaelense.” (1921: 2-3).

2. A *Obra* como contexto genérico do florilégio em apreço, da qual ressalta quer a variedade de temas que a pluralidade ou multiplicidade dos seus interesses não deixou de firmar, quer a evolução do seu espírito, de neo-garrettista desassombrado a convicto positivista, posto que, na pegada de Augusto Conte, Teófilo Braga “*reputava soberanamente relevantes e de incomensurável projecção nos espíritos e na vida da comunidade as funções artísticas, as actividades estéticas, mormente quando lhe era lícito filiá-las em grandes tradições orgânicas.*” (1946, V-VI).

3. *Literatura Popular/Tradicional* subdividido em cinco itens.

3.1. *Explicação do conceito* literatura oral tradicional, preferível ao de literatura popular, e pertinência, do ponto de vista de Consiglieri Pedroso, de que se reveste o conto³, ao qual, e citando a Autora, ousamos acrescentar um ponto - o conto tradicional açoriano: “*No nosso país, são sobretudo as regiões de Trás-os-Montes, a Madeira e os Açores particularmente ricas em tradições, devido ao isolamento a que foram votadas.*” (2010: 12). Inesquecível se torna, a todos os níveis, “*O caso do Tio Jorge Coutinho*”, um ‘causo’ em verso...

3.2. *Primórdios* da recolha de tradição oral, com enfoque especial no *Romanceiro* de Garrett e na Geração de 70, que revisitou o conto de um triplo ponto de vista filológico, etnográfico e pedagógico.

³ “Mitografia ou Novelística é uma nova e importante ciência que tem por objecto o estudo de todas as questões que se ligam com a origem, com a essência e com a transmissão dos contos populares.” (1996: 32).

3.3. *O papel de Teófilo Braga*, cultor da poesia tradicional e moderna, leitor entusiasta de Garrett⁴, admirador de Jacob Grimm, correspondente de Sylvio Romero, coordenador dos *Cantos Populares do Brasil* (1883) e dos *Contos Populares do Brasil* (1885) e, para mais não enumerar, ‘mentor’ da “unificação científica ibérica através do folclore, ideia muito ao gosto do iberismo finissecular.” (2010: 17).

3.4. *Génese e transmissão da Literatura Tradicional*, oscilando entre a sua origem mítica, que Teófilo recupera, e a sua transmissão a desembocar na receção, havendo sido Portugal, como informa a Autora, um dos derradeiros países europeus a proceder à sua compilação.

3.5. *Conclusão*, ao longo da qual Anabela Mimoso relembra o papel preponderante de Teófilo Braga na Cultura Portuguesa, a sua ação de relevo no que respeita à Literatura Tradicional, aparentada à Literatura Infantil, e a quádrupla dimensão etnográfica, moralizadora, lúdica e pedagógica (embora não tão didática quanto a de Adolfo Coelho, pedagogo por excelência) por ele conferida aos *Contos*, apesar da não ortodoxia dos seus métodos, verberados por Ricardo Jorge e Sylvio Romero, entre outros.

4. *Os Contos Açorianos*, de entre os quais quatro não advêm de uma ilha especificamente nomeada e vinte e sete provêm de S. Miguel, transcritos, nesta *Antologia*, “pela mesma ordem e com a mesma classificação que Teófilo lhes deu quando os apresentou nos seus *Contos Tradicionais do Povo Português*.” (Mimoso, 2010: 23). É sobejamente conhecido que o volume dos *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano* abrange o *Cancioneiro* e o *Romanceiro* das Ilhas (coleção devida aos esforços do Dr.

João Teixeira Soares, que os colheu da tradição oral para auxiliar Garrett, muito embora não tenham sido utilizados pelo poeta de *Dona Branca* e não figurem no *Cancioneiro*). Este *Romanceiro Açoriano*, englobando os Romances novelescos, marítimos, mouriscos, históricos e sacros, foi designado, por parte de Teófilo, por “*Romanceiro de Aravias*”, porquanto “*Aravias é o nome que o povo da ilha de S. Miguel aplica a todos os romances e chácaras e tem o valor de uma revelação histórica.*” (1892: 109). Nesta ordem de ideias, não se afigura despicienda a louvável inclusão, na presente *Antologia*, das “versões citadas por Teófilo e registadas por Adolfo Coelho, dos contos ‘*O Mestre das Artes*’, [...] ‘*As Sonsas*’, [...] e ‘*Manuel Feijão*’, [...] uma vez que elas nos servem para melhor compreender as versões açorianas” (Mimoso, 2010: 24) ou, mais bem dito, o “que de genuíno apresenta a tradição açoriana em relação à continental.” (*Idem*: 23).

4.1. *Métodos utilizados por Teófilo*, que “*divide a sua obra em três partes: na primeira inclui contos de fada e casos da tradição popular e abrange duas secções; uma que engloba contos míticos do sol, da aurora e da noite, e outra que consta de contos e facécias da tradição popular. [...] Na segunda parte inclui as histórias e exemplos de tema tradicional e forma literária [...] e na terceira, lendas, patranhas e fábulas. [...] Todas elas estão representadas por contos açorianos, à exceção da segunda, já que essa é constituída por contos extraídos de obras de autores, e revestem portanto forma literária.*” (Mimoso, 2010: 27-28).

4.2. *Teófilo e Sylvio Romero* ou a história da viva polémica, que Anabela Mimoso tão bem conta, travada entre dois homens de letras de estirpe intelectual similar, que começou pela acusação que Sylvio Romero fez a Teófilo Braga de indevidamente interferir, com uma Introdução e algumas Notas, nos seus *Contos Populares do Brasil*. Cite-se, a este respeito, Teixeira Bastos, que consegue ilibar, por via de documento inédito, o precursor da crítica etnológica: “Em carta ao editor dos

⁴ Foi, com efeito, Teófilo Braga que, segundo Ofélia Paiva Monteiro, publicou fragmentos de *Magriço* no vol. II das *Obras Póstumas* de Garrett, dadas a lume em 1914 (2010: 21, nota 6).

Contos, de 8 de abril de 1884, que possuímos, escrevia o Dr. Sylvio Romero: ‘Ora, eu lhe mandei uns setenta ou setenta e tantos contos (antes fossem contos de reis!...) e ainda o amigo acha pouco!! *Bote-lhe ahi o Braga um pequeno prologo e um punhado de notas, e está a cousa feita.* Cumprindo amavelmente este desejo, Theophilo Braga tornou-se alvo das mais desorientadas malsinações, a que se conservou indiferente.” (1892: 120).

5. *Referências Bibliográficas* que, abundantes e, no bom sentido, ‘des-atualizadas’ - “A edição que seguimos foi a de 1903, da Biblioteca Nacional de Lisboa, isto é a segunda.” (Mimoso, 2010: 25) -, constituem pistas valiosas para todo e qualquer curioso e estudioso tanto do conto como do conto tradicional açoriano.

É esta *Introdução* de Anabela Mimoso, de elevado nível científico-pedagógico (não olvidar o *Glossário* de termos inusitados que surge no fim de alguns contos), que vai permitir, de ora em diante, o estudo dos *Contos Tradicionais Açorianos* (‘casos’ ou ‘causos’, como se diz nos Açores) em perspetivas múltiplas.

- I. Do ponto de vista da originalidade da *História da Literatura Portuguesa*, tendo em conta que Teófilo definiu o ‘carácter’ português (cuja vocação marítima tanto deriva da ascendência céltica como da situação privilegiada junto do Atlântico) mediante a integração do fenómeno literário no conjunto das manifestações configuradoras do ‘génio’ nacional.
- II. Do ponto de vista dos *Estudos Açorianos* (não esquecer o conceito de açorianidade, bem como as vertentes distintas que lhe são inerentes), que readquirem esse tesouro popular de que haviam sido privados (edição

esgotada), acessível, daqui para o futuro, a todo e qualquer leitor que dele desfrutará, mais ou menos avidamente, com maior ou menor grau de gula, consoante a sua ‘enciclopédia’ literária e cultural.

- III. Do ponto de vista da intertextualidade, detentora de um estatuto cimentador da textualidade e eficaz trampolim para o discurso dialógico. Não parece, neste contexto, descabido o estabelecimento de um paralelismo entre “O Mestre das Artes” e “O criado do estrujeitante” ou, então, entre “Manuel Feijão” e “História do Grão de Milho”, através da deteção das afinidades e divergências, de cariz estético-literário, entre as versões plurais de um texto singular.
- IV. Do ponto de vista da definição do género, visando a teoria sobre o conto, o seu agrupamento em categorias (maravilhoso, anedótico e moral), a sua eventual tipologia, incorrendo no risco do facilitismo da generalização (conto de fadas, conto filosófico, conto alegórico, conto fantástico), e as diferenças teóricas entre as diversas formas simples (na terminologia de André Jolles) afins. É, aliás, a Autora que alerta para certa nomenclatura imprecisa “utilizada pelo povo para designar esta vasta produção oral” e registada, algo genérica e improvidentemente, como era sóbito na época, por Teófilo Braga (Mimoso, 2010: 27). Nesta sequência, poderá o docente-investigador delimitar as fronteiras entre o conto de fada (obedecendo a uma moral ingénua e primando pela intrusão do maravilhoso), o conto artístico literário (irrepetível, porque assacado a um dado Autor), o conto tradicional ou popular (podendo remeter, numa perspetiva antropológica, sociológica e psicanalítica, para uma

simetria entre contos de povos distintos, indiciando, ao longo dos tempos, uma disposição e evolução semelhantes da psique humana), a fábula, também conhecida por apólogo, protagonizada por animais, a parábola, narração breve intercalada numa outra da qual depende para a sua decodificação alegórica, a facécia, narrativa curta jocosa, em geral de teor erótico ou escatológico, o caso, imbuído de casuística, posto que situado no âmbito da ética e da teologia, a lenda, sinónima de formulação de uma série reduzida de acontecimentos e atuações representativas que se erigem em modelos de emulação atualizáveis, e em mito, configuração narrativa e simbólica.

V. Do ponto de vista estrutural, seguindo de perto a pesquisa de Vladimir Propp, em *Morfologia do Conto*, completando-a com a lógica dos possíveis narrativos de Claude Brémond, acrescentando-lhe o 'tríptico' de categorias atuacionais grimasianas, ou, por outras palavras, de relações das personagens em função de uma ação estabelecida, e rematando tais considerações talvez 'impertinentes' pela unidade de efeito de Edgar Allan Poe, pela militância crítica (autocrítica e heterocrítica) de Tchekhov, visível na sua *Correspondência*, pela epifania de James Joyce, encarada como manifestação ou revelação espirituais súbitas, e pela simetria na construção advogada por Brander Matthews.

VI. Do ponto de vista temático, atendendo ao facto de grande parte dos motivos se referir a dois ciclos ritualísticos: o ritual da iniciação e o das representações da morte. Entre um e outro destacam-se, neste "Era uma vez...", a metamorfose constante (passando pela

antropomorfização e pela animalização), o espaço padronizado habitado num tempo intemporal por personagens estereotipadas (o palácio real, as princesas, o mercador e suas filhas...), o sortilégio da palavra mágica e do feitiço de difícil antídoto, o rapto da princesa de indescritível formosura e as normativas punição e recompensa dos atos praticados, desembocando no sempiterno "happy end". Porém, curioso se torna referir que a pureza e a inocência não raro se vêm contaminadas pela perversidade, constituindo a crueldade sanguinolenta uma linha de leitura, talvez paradoxal, a não marginalizar: assim sendo, em "O Mestre das Artes", o rapaz "pegou às dentadas na galinha e matou-a." (2010: 39); a princesa, em "Os Sete Encantados", "para não ficar atrás da outra, quis fazer o mesmo: cortou a cabeça, mas morreu logo." (2010: 49); o ladrão, em "A mão do Finado", é "enforcado com o vassalo", sendo os seus companheiros "todos mortos" (2010: 56); o príncipe, em "O Rei de Nápoles", "não se teve de si, puxa de um punhal e crava-o na cabeça do velho e matou-o." Assim é que o sangue corre e a morte espreita em situações por vezes insuspeitáveis, como se a vida não pudesse prosseguir em plenitude sem o vazio ou nada caracterizador do seu contrário...

VII. Por fim, e abstenho-nos de "pretenciosismos académicos" (Mimoso, 2010: 6), passemos a privilegiar o barthesiano "prazer do texto", passível de leitura no seio da família, à hora vespéral dos "mágicos cansaços", aos serões 'de província' e 'de cidade', tendo como destinatários crianças e adolescentes que ainda acreditam na inocência da palavra, rejeitando a má fé da e na linguagem.

Pelas razões acima enumeradas, esta *Antologia* organizada por ANABELA MIMOSO nunca carecerá de público-leitor, vaticínio este não de todo carecente de fundamentação.

Bibliografia Sumária:

ARRIAGA, Manuel de (1916), *Na Primeira Presidencia da Republica Portuguesa. Um Rapido Relatorio*. Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 3º milhar.

BASTOS, Teixeira (1892), *Theophilo Braga e a sua obra. Estudo complementar das modernas ideias na Literatura Portuguesa*. Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, Casa Editora Lugan e Genelioux, Successores.

COELHO, A. do Prado (1921), *Teófilo Braga*. Lisboa, Instituto Teofiliano, Tip. Eduardo Simões e C.ª

COELHO, A. do Prado (1946), *O Romance Popular Português na Obra de Teófilo Braga*. Lisboa, Livraria Central Editora, de Gomes de Carvalho.

COELHO, Jacinto do Prado (1992 – 1ª edição: 1977), *Originalidade da Literatura Portuguesa*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, col. “Biblioteca Breve”.

Correspondência política de Manuel d’Arriaga (2004), Organizadores: Sérgio Campos Matos /Joana Gaspar de Freitas, Livros Horizontes.

GOTLIB, Nádía Battella (2008), *Teoria do Conto*. São Paulo, Editora Ática, Série “Princípios”.

MACEDO, José de (1923), *A Republica perante os problemas nacionaes, Programa do Partido Republicano Radical votado no I Congresso Partidário realizado em 9, 10 e 11 de Junho de 1922*. Lisboa, Arcadia de Portugal, Editora.

MARTÍNEZ, José Enrique Fernández (2001), *La intertextualidade literária (Base teórica y práctica textual)*. Madrid, Cátedra.

MONTEIRO, Ofélia Paiva (2010), “Introdução” a *Viagens na minha terra*, Edição Crítica. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

PEDROSO, Consiglieri (1996), *Contos Populares Portugueses*. Lisboa, Assírio Bacelar Vega, Gabinete de Edições, 6ª edição revista e aumentada.

ROGER, Jérôme (1997), *La critique littéraire*. Paris, Dunod, col. “Topos”.

SPANG, Kurt (2000), *Géneros Literarios*. Madrid, Editorial Síntesis, col. “Teoría de la Literatura y Literatura Comparada”.

Maria do Rosário Girão Ribeiro dos Santos
Porto, 8 de Maio de 2010

